

LEITURA: PAIXÃO DO CONHECIMENTO*

Paulo Venturelli**

Em recente entrevista à imprensa, Herbert de Souza, respondendo a uma questão sobre as chacinas no Brasil, diz: “Eu me pergunto se essa não tem sido a nossa história há muito tempo, uma história perversa, cheia de massacres. Existe uma mudança substantiva nos fatos ou o que há, na verdade, é uma mudança importante na percepção dos fatos?”¹

Imediatamente, somos obrigados a pensar nos mais diversos tipos de manifestação de violência que recobre a história brasileira. A partir da colocação de Betinho, podemos entender que agora estamos *lendo* o Brasil com uma percepção mais aguda dos fatos. E esta leitura vem ensinar-nos o doloroso exercício de cidadania, quando vamos aprendendo que nosso país não está pronto e o que nos cabe fazer não é fácil, mas também não é impossível.

E é sobre leitura que desejamos refletir. Ainda que já exista uma produção considerável a respeito, acreditamos que no final os caminhos nem sempre ficam claros, porque não estão bem definidas as premissas básicas que regem cada

* Este texto é um resumo de palestra apresentada no Encontro sobre o ensino de leitura e de escrita, promovido pela Editora Braga, em maio de 1994, no Colégio N. S. Medianeira, Curitiba.

** Universidade Federal do Paraná.

1 SOUSA, Herbert de. Combate à miséria é prioridade, diz Betinho. *Folha de São Paulo*. 5 set. 1993. Entrevista.

postura. E é delas que procuraremos tratar ao longo destas páginas, tentando centrar nossa atenção nas atividades práticas em sala de aula.

É nossa convicção que a primeira necessidade a aclarar gira em torno da finalidade do ensino da língua portuguesa. Sem dúvida nenhuma, este ensino deveria ter como meta essencial tornar o aluno um leitor. Simplesmente porque a leitura é um modo privilegiado da pessoa conseguir uma melhor compreensão de si própria e do mundo. Lendo, ela terá condição de desfrutar da *grande cultura* que a humanidade vem acumulando em seus esforços para vencer dificuldades. Por si só, esta concepção supera a noção reinante de que leitura é prazer. Claro que é, mas não só.

Entendido como via para o conhecimento e, possivelmente, para a sabedoria, ler implica disciplina e esta é um duro aprendizado.

Certamente, a leitura só terá efetividade, quando for um fato oriundo de uma política cultural mais ampla, como já definiu Edmir Perrotti.² Como tal política não existe, nossa saída é investir na pessoa de cada aluno, descobrindo qual é sua área de interesse e lutando pelo seu alargamento para poder instalar ali a leitura como uma prática que realmente vá além de gostos e hábitos, procurando uma elevação do nível de percepção do mundo.³ Dificilmente alguém exposto a livros que tratam de sua alçada deixaria de ler. É aí que entra o papel da escola: abrir amplo leque de possibilidades para apresentar a cada aluno caminhos que venham ao encontro do que ele quer e, ao mesmo tempo levem para mundos ignorados. E, se pensarmos na leitura do texto literário, uma proposta adequada de trabalho é aquela que respeita o ritmo do aluno e, concomitantemente, ensina-o a ir além de emanações subjetivas e narcísicas, quando buscamos um nível de objetividade,⁴ em que a crítica será uma oportunidade de crescimento deste aluno como ser pensante.

Precisamos então esclarecer a essência do problema: o que é ler? Não podemos entender a leitura como algo a depender de um *gosto* ou de um *hábito*, esferas por demais mecânicas e evasivas que não dão conta da complexidade deste ato, onde o pessoal, o social, o político, o econômico e o cultural enfim, interagem de forma total e contraditória. A leitura é uma *prática* na qual as referidas determinantes se fazem presentes e configuram atitudes que não são meramente comportamentais. O problema é aclarado, se pensarmos na leitura como um modo de ser, uma *vivência*. O contato permanente com livros e o seu

2 PERROTTI, Edmir. *Confinamento cultural: infância e leitura*. São Paulo : Summus Editorial, 1990.

3 SNYDERS, Georges. *Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. São Paulo : Paz e Terra, 1993, p. 39.

4 SNYDERS, G. *op. cit.*, p. 62.

constante desfrute precisam ser um dos significados fundamentais de nossa existência, sem o que a vida tornar-se-ia mais oca e desesperançada do que muitas vezes já é. Como dirá Bruno Bettelheim, com os livros, podemos entender que é possível viver uma vida significativa, ainda que no íntimo tenhamos muitas dúvidas e incertezas.⁵

Correndo o risco de sermos evanescentes e indefinidos, acreditamos que uma profunda paixão do professor pelo livro, pela literatura, pelos autores, pelo pensamento, facilitará o encaminhamento da questão. E paixão é só o outro lado da razão esclarecida, por isso, seu complemento visceral. E se ela não se ensina, ela pode ser aprendida, em nome do que, a postura do professor como grande leitor é a pedra-de-toque de todo o processo. Isto responde à interrogação feita por Susan Sontag, em sua recente visita ao Brasil: "Leitura é uma paixão solitária. Como fazer as pessoas se apaixonarem?"⁶ Um professor apaixonado terá no livro sua prioridade máxima, apesar das numerosas dificuldades que todos encontramos no exercício da profissão, e até por causa delas. Sem o livro, não somos profissionais adequados e não teremos como resistir ao desânimo e ao desencanto, sempre tão pródigos em nosso cotidiano. Só no livro é possível refazer as baterias ideológicas, reafirmar os princípios de conduta, aclarar a paisagem. As interrogações multiformes que emanam de cada texto devem ser nosso conduto para irmos além de uma vida oligofrênica e mumificada no senso-comum. Se o professor efetivamente *vestir a camisa* da literatura, de uma forma ou de outra ele encontrará uma alternativa para transmitir aos alunos uma opção de vida semelhante. Porque o ato de ler pode ser aprendido, desde que o aluno tenha condições de ser colocado em contato com situações deflagradoras do processo de aprendizagem. Lembremos de algo *simples*: o que e como fazemos para nosso filho torcer para o mesmo time que é nossa paixão? O que o Brasil faz para as pessoas amarem tanto o futebol?

Se ler é uma questão de prática, esta pode ser adquirida com um instrumental eficaz trabalhado pelo professor: desde uma exploração detalhada do processo criativo de uma obra, revelando seus elementos constitutivos, até a mais ampla contextualização da mesma, através das quais o aluno empreenderá o caminho e estabelecerá as relações necessárias para uma leitura e uma interpretação produtivas e enriquecedoras.

Estamos tentando dizer: não existe *fase de leitura*. Esta história de adequação de livros por idade não passa de um golpe comercial das editoras e de uma concepção por demais simplista do que seja uma criança, do que seja a

5 BETTELHEIM, Bruno. Os livros essenciais da nossa vida. *Leia*, p. 28, maio 1990.

6 SONTAG, Susan. *Entrevista a Marília Gabriela*. Cara-a-cara. Rede Bandeirantes. 1.8.1993.

mente humana e de como ambas se formam. A postura mais encontradiça é de que a criança ainda não está desenvolvida, ainda não tem maturidade, ainda não está pronta para os textos *complexos* (existe algum texto literário que não seja complexo?). Acredita-se, então, que a criança seria capaz de se desenvolver por si só, *naturalmente*, após o que estaria em condições de enfrentar certos autores. Com certeza, há aí uma trama ideológica para manter crianças e jovens infantilizados para que, sem nenhum empenho crítico, possam ser presas fáceis das mais consumistas armadilhas de que está repleta nossa sociedade. Ora, ficar em níveis de leitura como um critério cristalizado e igual para toda uma turma, selecionar livros por idade, por facilitação do discurso é reforçar uma pedagogia que aposta no não crescimento do indivíduo. Como alguém pode crescer fazendo somente aquilo de que já é capaz? Como alguém pode tornar-se um leitor, enfrentando apenas textos *do seu nível* e que não exigem nada além de olhar as palavras e decodificá-las? Para alguém crescer, amadurecer, é necessário entrar em contato com novos desafios e interagir dialogicamente com um nível de formas sempre mais complexas. Afinal, não é assim mesmo que se dá com a vida em todos os campos? Temos condições de ser/fazer no ir-sendo, no ir-fazendo, no convulso emaranhado de propostas e informações que nos atingem o dia todo, a vida toda. Só subimos a escada, dando sempre um passo para o degrau seguinte, e não marchando sobre o mesmo. Enquanto julgarmos a criança como imatura, incapaz de ler Y ou Z, obrigamos a mesma a ficar num discurso facilitado, transparente, sem que ela tenha oportunidade de encontrar um alimento mais consistente com o qual exercitar sua prática de leitor. Lembremos as palavras de Eduardo Mendoza: “É preciso ensinar a ler livros difíceis, porque lerão os fáceis sem que ninguém os estimule. Há que ensinar a se interessar pelas dificuldades, não pela facilidade.”⁷ Temos implícito aqui, todo um programa de ensino. Depois, querem ter razões para espanto diante da desistência escolar, do nível de desinteresse dos estudantes, do seu baixo rendimento. O aluno precisa aprender a ler obras genuinamente literárias que o fustiguem. E já há experiências concretas e bem-sucedidas a respeito,⁸ com professoras que, no contato com crianças de 8 a 10 anos, ensinam de forma profícua a leitura de autores como Kafka, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e outros, tradicionalmente considerados difíceis e, portanto, da alçada apenas dos adultos. Se não bastassem tais fatos, debruçemo-nos sobre outros bastante

7 *Apud*, AMÂNCIO, Moacir. Debilóides ou vítimas? *Jornal da Tarde*. 24 jul. 1993. Caderno de Sábado, p. 2

8 Referimo-nos ao trabalho da professora Sandra Konell, em União da Vitória, PR, cuja experiência é a base da reflexão de sua dissertação de mestrado, defendida em agosto de 1994, na Universidade Federal do Paraná e ao trabalho da professora Vânia Marineck, na Escola da Vila, SP.

expressivos: Virginia Woolf, aos 12 anos, lia tragédias gregas no original e as discutia com familiares; Paulo Leminski, com 8 anos, lia *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e deliciava-se com esta literatura, devidamente acompanhado pelo pai. Isto não comprova que os escritores citados sejam especiais, dotados de genialidade inata que lhes proporcionava condição pessoal para adentrar tais universos. Se por acaso são especiais, isso ocorre porque *aprenderam* a ser assim, tornaram-se assim no duro exercício diário da convivência com textos que lhes exigiam sempre mais, e com suporte num contexto que propiciava o crescimento. Talento não está no sangue. É consequência de um aprendizado. Tratados com *papinha literária*, nossos alunos jamais terão tônus mental suficientemente firme para agüentar a impulsão dos potentes textos literários dos grandes escritores. Deitados “eternamente em berço esplêndido”, não terão nem o som, nem a luz da aventura do pensamento e da estética, conflagradores de mundos e de vivências que só entenderão na medida em que desde cedo conviverem profundamente, dialeticamente, visceralmente com as linguagens buriladas pelos autores dignos de nossa atenção, dignos de serem estudados em classe, por isso, *clássicos*.

E estamos aqui no centro conflitivo de outro tema crucial: inteligência não é um dom dos deuses, é fruto da história de cada um, o que inclui família, escola, relações sociais, etc. Nossa inteligência é um processo que se torna o que é, não se subordinando pura e simplesmente ao social, mas também não o precedendo. É sempre a partir do contexto que nos realizamos e, nesta realização, provocamos as transformações nas circunstâncias que nos cercam. Nossa consciência, portanto, nossa inteligência, é sempre a expressão de nosso universo individual em interação com os outros, com a multiplicidade de nuances com as quais entramos em contato desde que nascemos. Essencialmente através da palavra é que tudo isso irá ocorrer, como nos ensina Bakhtin. Através dela definimo-nos com relação ao que está ao nosso redor e é neste território comum - a palavra - que temos o modo mais vivo de realizar nosso nível de pessoa.⁹ Como afirma Georges Snyders: “A cada idade corresponde uma forma de vida que tem valor, equilíbrio, coerência, que merece ser respeitada e levada a sério: a cada idade correspondem problemas e conflitos reais, mas também *recursos* (o grifo é nosso) - e que já demonstraram sua capacidade, pois, o tempo todo ela teve que enfrentar situações novas”.¹⁰ Um livro, constituindo-se numa situação nova, obviamente auxilia a expansão dos citados recursos. E, na forma tão clara colocada pelo educador francês: “A educação não se reduz a um desenvolvimen-

9 Cf. BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo : Editora Hucitec, 1979.

10 SNYDERS, G. *op. cit.*, p. 30

to do que já estava latente, a uma simples aquiescência às forças espontâneas do ser”,¹¹ porque educar alguém não é só preparar para o futuro. A escola deve também estar voltada para o agora, para este ser que aqui pensa, sente, ama e experiencia a vida desta ou daquela forma, uma consciência que precisa estar coincidente com o seu presente para expandir-se e fortificar-se e não ser colocada entre parênteses, num banho-maria de espera do futuro. Dotada para o presente, a criança precisa encontrar neste tempo bases para o que virá amanhã, é óbvio, porém, também a grandeza de uma atualidade em que tenha condições de ser em todas as dimensões.¹² Já dizia o velho Plutarco: “A inteligência dos alunos não é um vaso que se tem de encher; é uma fogueira que é preciso manter acesa”,¹³ e que combustão melhor ofrece a literatura, capaz de descentrar o mundo, e, revolvendo as camadas do indivíduo e da sociedade, mostrar que a nossa constituição de seres é transitória e que, mesmo com dificuldades imensas, é possível dar outra configuração ao mundo...

É assim que podemos considerar a leitura não só como um exercício de prazer. Na verdade, via leitura, podemos atingir o conhecimento e o caminho da cultura nunca é fácil. É sempre áspero, espinhoso; basta olhar na história da cultura, o trajeto seguido por aqueles que se tornaram pontos de referência para nós. Não podemos nos iludir com a idéia hedonista e exclusivista do prazer, simplesmente porque ele esbarra no princípio da realidade. Conseguir um padrão de disciplina, responsável pelo crescimento, é tarefa árdua, na qual estão confrangidas muitas forças, não apenas a vontade pessoal, sem que, repetimos, uma boa dose de prazer não possa atuar em todo este processo. Saindo da tepidez dos aconchegos alienantes, somos obrigados a encarar “as angústias e as discórdias”, bem como as contradições “que existem dentro” de nós e fora de nós, em conseqüência do que estaremos frente a frente com a “miséria e a vergonha dos homens”,¹⁴ envolvidos com os conflitos de interesses que nem sempre deixam a face do mundo na ordenação linear que gostaríamos de ver para melhor compreendê-la. E, destrinchar Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Lúcio Cardoso, Nélide Piñon, nem sempre é um exercício ameno. Precisamos de um burilamento detalhado, precisamos de um afinar nosso instrumental de análise para dar conta das profundas e amplas complexidades geradas por estes autores. Para nenhum astro de nossas letras, de nossa cultura, o caminho foi recamado de leite e mel. Nietzsche já advertira a respeito do

11 SNYDERS, G. *op. cit.*, p. 162

12 *Ibid.*, p. 29

13 *Apud* SNYDERS, G. *op. cit.*, p. 111

14 ARRIGUCCI Jr., Davi. *Leitura: entre o fascínio e o pensamento. Idéias*. São Paulo, n. 13, p. 20, 1992.

“martírio que são a história das ciências... as lutas, as derrotas, os retornos à luta” de todos aqueles que se tornaram sábios, justamente porque assumiram com absorção total estes desafios.¹⁵ E é desta maneira que a decantada natureza humana se vai modificando na sua raiz mais profunda, na medida em que interfere na face do mundo.

Para que tais metas sejam possíveis e produzam a riqueza esperada, não devemos ter medo, nem preconceito com relação a nenhum tipo de leitura. Temos convicção de que, para se chegar à leitura como uma prática realmente eficaz, todos os caminhos são válidos. O risco está em ficarmos estacionados no trivial. O consumo de *best-sellers* pode ser via de acesso ou parada para um descanso. Ficar neste estágio de leitura é condenar a mente à inanição. Devemos ter em mira que nosso caminho se volta em direção das grandes obras literárias do gênero humano. Não aceitamos que estas obras sejam simplesmente rotuladas como *burguesas*, representantes de uma classe social, portanto, sem interesse para leitura mais ampliada. Tais obras são uma das grandezas do homem, transcendem por isso as questões do seu tempo, do seu autor, da ideologia de classe a que pertencem. Dizer que tais obras são dispensáveis, é defender o elitismo: somente alguns podem desfrutar delas. É inegável que nas obras-primas repousa um patrimônio da humanidade e entrar em contato com elas é enriquecer nosso espírito, devassar novos estágios para o mundo. Valem como grandes experiências de vida mediadas pela criação, logo, produtos do pensamento e de leituras de época, cuja prospecção só pode apontar-nos direções inovadoras. E, no diálogo que mantiveram com seu tempo entrincheiraram antecipações de questões que nos são afetas hoje. Portanto, não podem ficar restritas a um pequeno e seletivo grupo de admiradores que, ao beber delas, cresce e avança em sua estatura intelectual e isto nem sempre ocorre em favor das maiorias. Nosso compromisso de professores precisa então ser, formar as pessoas para que um número sempre maior chegue ao perímetro dessas obras e ali realize a leitura sempre como “alguma coisa espantosa”, já que passaríamos “a vida a decifrar, de algum modo, o mundo através dos livros.”¹⁶ Sob tal aspecto, abraçamos a leitura nos moldes de Montaigne: imaginação, fantasia e criação na construção de significados que vão muito além da página lida.¹⁷

Com a leitura contínua, sempre mais aprimorada, certamente abrandaremos a sensação de estarmos exilados no mundo, deixaremos de ver este mesmo

15 *Apud* SNYDERS, G. *op. cit.*, p. 107.

16 ARRIGUCCI Jr., D. *op. cit.*, p. 19.

17 BARBOSA, João Alexandre. Variações sobre a leitura. *Jornal da Tarde*, 10 ago. 1991. Caderno de Sábado, p. 2.

mundo como algo impenetrável ao nosso entendimento.¹⁸ Nas grandes obras da literatura, “é como se o autor apreendesse e sentisse melhor” do que nós o que se passa conosco. “A cultura encontra palavras adequadas para exprimir o que” nós gostaríamos de dizer. “Os homens necessitam de um porta-voz” e, tantas vezes, sutilmente, um autor consegue expressar, preto-no-branco, as circunvoluções vagas de nossas reações, “pois nossos sentimentos e nossas experiências são com tanta frequência indecisos, em contradição uns com os outros”¹⁹ e é esta pinça verbo-filosófico-ideológica que um autor consegue nos oferecer, com o que tiramos do burburinho babélico de nossas vidas um *flash* esclarecedor a nos dar mais ânimo e decisão para o próximo passo, divizando um sentido no esfarrapado tecido do cotidiano cheio de farpas, saliências falsas, reentrâncias mal camufladas.

E outra ordem de consideração se impõe: a leitura, entre nós, é vista como sinal de *status*, de elevação cultural e social, porém, em paralelo, ela é capaz de provocar uma rejeição quase absoluta.²⁰ E é preciso que sejamos realistas: antes de uma reestruturação econômica, em que a riqueza não esteja mais concentrada nas mãos de poucos, e de transformações profundas no ensino (que, por sua vez, podem ser conseguidas quanto mais leitura e esclarecimento obtivermos do país), jamais atingiremos um nível satisfatório de leitores. Sem esquecer outra face do problema: na crescente vulgarização da vida atual, o livro permanece como uma ilha de resistência cultural. Por este viés, talvez seja um contra-senso querer transformá-lo em produto presente em larga escala na vida de todos. Com certeza, muitos dos nossos alunos, quando lerem, estarão ocupados com a leitura *degustativa*, digamos, *de mercado*, puro divertimento no patamar de qualquer consumo. Mesmo assim, não devemos menosprezar este exercício, porque da massa de leitores de Agatha Christie, Sidney Sheldon, Paulo Coelho, “é que surge a elite dos leitores” de autores refinados e “nenhuma cultura realmente integrada pode se dispensar de ter, ao lado de uma vigorosa literatura de proposta, uma não menos vigorosa literatura de entretenimento”.²¹ E a experiência de um José Paulo Paes talvez esteja esclarecendo algo incômodo, todavia, do qual não podemos escapar: a leitura de autores refinados não será realmente sempre uma atividade de poucos, mesmo que isto possa contradizer toda a posição mantida até aqui? É útil enfrentarmos estes enquadramentos, para que

18 SNYDERS, G. *op. cit.* p. 173.

19 *Ibid.*, p. 174.

20 FRANCESCHI, Antônio Fernando de. Um certo olhar. *Leia*. São Paulo, p. 14, mar. 1988.

21 PAES, José Paulo. Por uma literatura brasileira de entretenimento ou: o mordomo é o único culpado. In: _____. *A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções*. São Paulo: Cia. da Letras, 1990, p.37.

não nos desgastemos à toa, quixotescaamente gesticulando contra fantasmas inaprecensíveis. Certamente, nem todos os nossos alunos tornar-se-ão exúmbios leitores, até porque, a maioria de nossos professores também não o é. Neste círculo um tanto vicioso, não optemos pelo desespero e, sim, pelo alargamento dos espaços possíveis, sem falsas e vãs esperanças que talvez acobertem nossa culpa por estarmos as mais das vezes de braços cruzados.

Após estas considerações, alguém pode perguntar-se: que sentido tem a leitura num país de famintos e analfabetos como o Brasil? Precisamos lembrar: a *grande cultura* guarda um compromisso com eles. "Quando a fome é aguda gera violência. Quando é crônica gera passivos."²² Em razão disto, podemos encarar a leitura não como panacéia salvadora e sim como uma prática fundamental para que possamos adotar um método que nos permita uma visão mais produtiva do mundo e nos auxilie na iluminação e na reordenação deste mesmo mundo. A ficção tem condições de tornar a vida suportável (Lessing) e não entendemos isso como anestesia, mas como compromisso. E a cultura de alta estirpe será sempre "o esforço para não admitir como fatal e inelutável, e menos ainda como benéfico, o esmagamento dos mais fracos".²³ Com todos estes pontos em mente, envolvidos em redemoinho de perguntas, talvez fiquemos imersos numa espécie de ansiedade compulsiva. Lembremos: é impossível ler toda a produção significativa que ao longo dos séculos vem criando inesgotável labirinto de belezas e sustos e perplexidades. Amadurecer é aceitar o limite, a finitude. Ser professor é ser capaz de abrir os olhos do outro para coisa tão simples. No fundo, tudo é muito simples: não estamos sacralizando a obra literária. Apenas a amamos e queremos fazer outros amá-la, porque este amor cerca o cotidiano de sentido. Na voz de Snyders: "Trata-se simplesmente de retomar nosso bem, o bem dos homens, a grandeza do que é terreno."²⁴

RESUMO

Discutimos, neste artigo, a noção de leitura, visando à superação de visões que a definem como *hábito* ou *gosto*. Temos em vista que a leitura é uma *prática* eminentemente social e que o papel da escola seria *ensiná-la* ao aluno, por meio de detalhado esmiuçamento dos constituintes literários de um texto e de sua ampla contextualização.

22 CRAVIOTTO, Joaquim. Fome Cerebral. *Isto É/Senhor*. 15 maio 1991. Entrevista.

23 SNYDERS, G. *op. cit.*, p. 167.

24 *Ibid.*, p. 167.

Para tanto, entendemos as *fases de leitura* como um emperramento para a criação do leitor porque, infantilizado por discursos transparentes, ele não terá possibilidades de crescer diante dos desafios propostos por obras genuinamente literárias que de antemão lhe são recusadas como *difíceis*.

Palavras-chave: Leitura, ensino, escola.

RESUME

Nous discutons, dans cet article, la notion de lecture pour aboutir à la supériorité des visions qui la définissent comme *habitude* ou *goût*. Nous considérons que la lecture est une *pratique* éminemment sociale et que le rôle de l'école serait de l'enseigner à l'élève par un épiluchement détaillé de constituants littéraires d'un texte et de sa large contextualisation. Pour cela nous considérons les *phases de lecture* comme un entrave pour la création du lecteur parce que, rendu *enfant* par des discours transparents, il n'aura pas la possibilité de grandir face aux désis proposés par des oeuvres authentiquement littéraire qui d'avance lui son récusés parce que difficiles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMÂNCIO, Moacir. Debilóides ou vítimas? *Jornal da Tarde*, 24 jul .1993. Caderno de Sábado.
- ARRIGUCCI Jr., Davi. Leitura: entre o fascínio e o pensamento. *Idéias*, São Paulo, n. 13, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo : Hucitec, 1979.
- BARBOSA, João Alexandre. Variações sobre a leitura. *Jornal da Tarde*, 10 ago. 1991. Caderno de Sábado.
- BETTELHEIM, Bruno. Os livros essenciais da nossa vida. *Leia*, São Paulo, maio 1990.
- CRAVIOTTO, Joaquim. Fome cerebral. *Istoé/Senhor*. 15 maio 1991. Entrevista.
- FRANCESCHI, Antônio Fernando de. Um certo olhar. *Leia*, São Paulo, 22 ago. 1990.
- PAES, José Paulo. Por uma literatura brasileira de entretenimento ou: o mordomo não é o único culpado. In: _____. *A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções*. São Paulo : Cia. das Letras, 1990.
- SNYDERS, Georges. *Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. São Paulo : Paz e Terra, 1993.
- SONTAG, Susan. *Entrevista a Marília Gabriela*. Cara-a-cara. Rede Bandeirantes. 1 ago. 1993.
- SOUSA, Herbert de. Combate à miséria é prioridade, diz Betinho. *Folha de S. Paulo*. 5 set. 1993. Entrevista